

## 19. Consideração cristã

São Bento, nas pegadas dos Padres da Igreja, cristianizou a consideração, cristianizou o desejo. Os pagãos viviam a sede de seus corações, provocada pela beleza das estrelas como um anseio indefinido, que se perdia no espaço estrelado juntamente com o olhar. No coração restava somente a tristeza, de não poder alcançar as estrelas. Com a encarnação de Deus, não foram as estrelas que vieram a nós, mas Aquele que as faz, que as conta e as chama pelo nome (cf. Sl 146,4). Por isso a consideração, o desejo, se "cristianizam" quando o olhar se volta para Cristo, está fixo no Verbo Encarnado, o Emanuel.

A cristianização das palavras da religiosidade pagã, assim como "consideração" ou "desejo", é mais ou menos como quando os cristãos dos primeiros séculos transformaram os templos pagãos em igrejas. Por isso, também na vida de São Bento, há um episódio significativo. Conta São Gregório Magno, que quando São Bento chegou ao local onde surgiria o mosteiro de Monte Cassino, encontrou um templo e um altar dedicados à Apolo. Bento destrói a estátua e o altar, e substitui em oratórios e altares dedicados a São Martinho e São João Batista (*Diálogos* II, cap. 8). O templo e o lugar consagrado a divindade pagã da beleza hedonista, da beleza orgulhosa, que deseja apenas ser admirada, mas não olha ninguém, são substituídos pelos oratórios dedicados a São Martinho – o santo da caridade, o santo que viu o pobre e cuidou dele, o santo da partilha com o pobre – e a São João Batista, aquele que viveu para indicar Jesus, para diminuir a fim de que Cristo pudesse crescer. São Martinho e São João Batista são os santos que derrubam os valores da cultura pagã, colocando Cristo no centro, endereçando a consideração e o desejo das estrelas, o desejo despertado em nós pelo universo, ao Deus que se fez homem para nos amar até a morte na Cruz.

Eis que como o templo de Apolo, também a palavra "consideração" foi "convertida" de pagã a cristã, colocando-a a serviço de Cristo, endereçando-a para Cristo. E isto sem depreciar, mas acentuando o espaço infinito para o qual era propensa, porque Jesus é maior e mais maravilhoso que as estrelas, Ele que as criou, Ele que nos deu, Ele que é a origem e o fim de toda beleza, todo esplendor, e do nosso coração capaz de desejar o infinito.

São Bernardo, no tratado *Da consideração* escrito para Papa Eugênio, faz a distinção entre contemplação e consideração. Escreve: "A contemplação pode ser definida como uma intuição imediata, exata e segura da alma ou uma apreensão da verdade sem qualquer dúvida, enquanto que a consideração é uma cogitação da investigação ou uma aplicação intensa da alma, em busca da verdade – *consideratio autem intensa ad vestigandum cogitatio, vel intensio animi vestigandis verum*" (*De consideratione*, II,II,5)

A consideração é este desejo e a tensão da alma humana em busca da verdade. A consideração é uma busca intensa.

Este sentimento de intensa busca, vemos já em São Bento, também quando nos pede para "considerar a fragilidade" do nosso próximo, mais fraco e pobre. Mas se utiliza este termo de busca do infinito, para olhar o irmão ou irmã necessitados, é porque o

Evangelho nos revela que neles Cristo está presente, e aguarda a nossa atenção e o nosso cuidado. A consideração pagã se cristianiza porque o Infinito se fez carne, se fez homem, e agora se encontra, principalmente, onde o homem está com fome, com sede, é estrangeiro, está nu, enfermo, encarcerado, como Jesus nos revela em sua descrição do juízo final no Evangelho de Mateus (Mt 25,31-46). São Bento tem esta consciência cristã e evangélica do infinito e, portanto, do nosso desejo de plenitude. Não podemos mais desejar o infinito e recebê-lo, se não na misericórdia com que tratamos Cristo no próximo. Em nosso próximo, o infinito se aproxima, veio nos tocar e pede nossa atenção. Jesus Cristo, como dizia, é maior, mais bonito, mais luminoso, mais maravilhoso que as estrelas, e veio para que possamos realmente possuí-lo, para que possamos, real e verdadeiramente, possuir o infinito que o nosso coração deseja. Mas nos ultrapassou para baixo de nós, desceu ainda mais baixo que nós, nos espera no chão, onde está o irmão caído, ferido, enfermo, frágil.

Na cena do julgamento final de Mateus 25, seja os eleitos que os condenados se surpreendem com as palavras do Rei, e perguntam: "Senhor, quando foi que te vimos...?" (Mt 25,37.44). Tudo começa com um olhar. Pode-se ver, e seguir em frente sem se envolver com as necessidades dos outros. Pode-se ver e parar, fazer-se próximo, como o Bom Samaritano (Lc 10,25-37), e então se descobre, com surpresa, que no irmão necessitado estava Cristo, estavam as estrelas, o destino final da vida.

Mas se Jesus nos conta esta parábola, se São Bento nos lembra que no enfermo, no hospede, no pobre, está Cristo, é para que não percamos esta oportunidade, todas as oportunidades que nos completam, no encontro com Ele. Na parábola, os eleitos e os condenados, descobrem no fim, que encontraram Jesus, que o serviram ou o negligenciaram. Mas nós, fomos evangelizados pela Igreja, por São Bento, pelos santos como Madre Teresa de Calcutá e, portanto, chamados não apenas a reconhecer Cristo quando o encontramos por acaso, mas a procurá-lo, a considerá-lo, a exercer "uma aplicação intensa da alma" como escreve São Bernardo, para ir ao encontro de Cristo, escondido na miséria do próximo.

A "*pia consideratio*" para com os frágeis, é uma busca ativa de Cristo, uma busca consciente, um ato de fé e amor. Por isso a consideração da necessidade de misericórdia de nossos irmãos e irmãs, não é uma atividade temporária, em horários fixos, um hobby que não tem a ver com o nosso trabalho ou a nossa vocação, mas deve ser sempre exercitada: "*consideretur semper in eis imbecillitas* – se considere sempre a fraqueza deles" (RB 37,2).

Sabemos que em nós, não existe esta constância de atenção, como não tem uma constância de oração, de silêncio, de escuta da Palavra de Deus. Mas a Regra nos foi dada para crescer em tudo isto. A "*pia consideratio*" é uma virtude que deve crescer em nós, sobre a qual devemos trabalhar, e trabalhar juntos, na comunidade, com a ajuda dos superiores, com a ajuda da palavra de Deus, dos sacramentos, da oração, a fim de que cresça a misericórdia, e, assim, a semelhança com o Pai, que é a nossa perfeição em Cristo, porque o Evangelho nos revela que somos perfeitos como o Pai, se formos misericordiosos como Ele (cf. Mt 5,48; Lc 6,36).